



Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: Traços Especulares e de Autopoiese Inscricional¹

Maria Luiza Cardinale Baptista²
Universidade de Caxias do Sul

RESUMO

O texto apresenta aspectos da discussão realizada, na proposição de estudo transdisciplinar, sobre o agenciamento e a potência do movimento desejante para o Turismo, considerando seu entrelaçamento com a Comunicação, na realidade caosmótica e complexa da contemporaneidade. Tem como objeto a desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação, envolvendo aspectos de especularidade e de autopoiese inscricional. A lógica da ‘teia teórica’ é a do rizoma e da cartografia, coerente com um dos substratos teóricos da pesquisa em desenvolvimento na Universidade de Caxias do Sul, entre a Esquizoanálise e os Estudos de Subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; turismo; desterritorialização.

Considerações Preliminares

O que põe o sujeito em movimento desejante de viagem, no Turismo, e em movimento desejante de encontro com o Outro, no processo de Comunicação? O que faz com que ele decida iniciar a ‘viagem’? Como são produzidas as narrativas desse desejo, pelos próprios turistas e pela Comunicação Social? Essas são questões que orientam a pesquisa sobre a desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação, envolvendo aspectos de especularidade e de autopoiese inscricional, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Turismo (PPGTUR), da Universidade de Caxias do Sul.

O estudo aponta no sentido de atenção às necessidades de ‘redesenho’ do próprio sujeito do Turismo, a partir da imagem de si, da aceitação da imagem do outro e das potencialidades criadoras inscricionais imagéticas. Entende-se que não há como

¹ Trabalho apresentado no DT 06 - Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente e pesquisadora do Mestrado em Turismo e do Curso de Comunicação Social da UCS, coordenadora do Grupo de Pesquisa AMORCOM. Grupo de Estudos e Produção em Comunicação e, Amorosidade e Autopoiese, Diretora da Pazza Comunicazione. malu@pazza.com.br.



acionar saídas dos territórios, se não houver o reconhecimento do ‘si mesmo’ e a percepção clara da potência agenciadora de reinvenção de si, de autopoiese. Para ‘seguir viagem’, o turista tem que acreditar na potência de a viagem produzir prazer, processo entendido aqui como retorno do ‘investimento desejante’ produzido, através da obtenção de valores emocionais, racionais e materiais agregados, que compensem o ‘movimento’. O caráter de inscrição³, a lógica inscricional, relaciona-se à compreensão de que as narrativas trazem ‘inscrições que acionam e recriam’ os lugares e sujeitos do Turismo e da Comunicação. Ao menos, podem fazer isso, mas nem sempre fazem. Parte-se, aqui, portanto, da compreensão do entrelaçamento dessas áreas e da relevância de aspectos envolvidos nas experiências desterritorializantes, especulares e autopoéticas dos turistas e dos produtores da Comunicação Social, a respeito no Turismo.

Para a área de Comunicação Social, o estudo representa a proposição de uma ‘investigação’, que têm como matriz o reconhecimento de que a complexidade do processo comunicacional é, também, uma ‘viagem’ em relação ao mundo do Outro, a ousadia de desterritorializar-se de si mesmo, em busca de encontros com outros territórios e a disposição de, com eles, misturar-se, para reinventar-se. Assim, a proposição afina-se com perspectivas recentes dos estudos em Comunicação, como os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo Filocom, da Escola de Comunicações e Artes, coordenado pelo Professor Doutor Ciro Marcondes Filho, que tem se ocupado com a abordagem da comunicação como ‘acontecimento’.

Já no caso da área do Turismo, a perspectiva transdisciplinar, envolvendo as trilhas teóricas aqui sinalizadas, significa a possibilidade de uma investigação atenta ao cenário contemporâneo maquínico-caosmótico, em que as tecnologias da comunicação e o processo mesmo comunicacional podem contribuir para compreender os dispositivos de mobilização desejante do sujeito do Turismo. Assim, a proposta tende a uma contribuição para as áreas, pelo reconhecimento dos sujeitos, pela dimensão especular, e do mundo do desejo e autopoiese inscricional.

O estudo integra a linha de pesquisa do Mestrado, intitulada Turismo, Cultura e Educação, trazendo a proposição de ênfase no aspecto da interface Turismo e Comunicação, com contribuição, também, no que diz respeito à compreensão da cultura contemporânea, do turismo e da hospitalidade, em função da abordagem dos

³ Conceito já apresentado em outros textos, em eventos científicos (BAPTISTA, 2011; 2012)



aspectos desejantes e especulares das desterritorializações, assim como do estudo da dimensão de autopoiese inscricional. Estreita-se, ainda, com a discussão da dimensão epistemológica, humana e científica do Turismo, já que traz a proposição de metodologia multifacetada, com orientação cartográfica, aliada à proposta transdisciplinar. Trata-se, portanto, de investigação que se constitui também na intenção de repensar a produção do conhecimento científico e os modos de sua produção, bem como de comunicação desses saberes múltiplos.

A investigação também diz respeito à linha de pesquisa, do Curso de Comunicação da UCS, Comunicação, Amorosidade e Autopoiese, que está sintetizada no projeto de criação do grupo, da seguinte maneira:

Estudo de processos comunicacionais, amorosidade e autopoiese. Análise da Comunicação-trama, como campo complexo de interação de sujeitos, mediado ou não por tecnologias. Narrativas transmidiáticas em tecnologias comunicacionais contemporâneas. Produção de Cartografias de saberes transdisciplinares, geradoras de invencionices metodológicas inscricionais, para que a metodologia científica seja aprimorada. Orientação transdisciplinar, complexa e sistêmica da Paixão-Pesquisa.

Como objetivos da linha, tem-se: produzir investigações e projetos de comunicação, pautados pela orientação de amorosidade e autopoiese, especialmente ligados às narrativas transmidiáticas; desenvolver pesquisas e projetos que potencializem processos comunicacionais de interação pessoal, direta, em grupos, em empresas, ONGs, organizações, instituições; agenciar pesquisas e projetos que potencializem processos comunicacionais midiáticos; aprimorar e desenvolver métodos e técnicas para a produção da Ciência contemporânea, garantindo eficiência nas pesquisas e potencialização dos investigadores para a vida e projetos diferenciados de Comunicação.

Outro aspecto importante da pesquisa é a proposta de trabalhar, na dimensão operacional, a questão das narrativas e sua potência para incentivar a produção de acionamentos desejantes e especulares, mais mobilizadores do turismo. A escrita é inscrição e, nesse sentido, associada ao processo de desterritorialização, pode reinscrever, reterritorializar, permitir a autopoiese do sujeito do turismo, ao mesmo tempo em que ele partilha a experiência. Isso quer dizer que a opção pela narrativa tem reflexos na coleta, cuja proposta é a de registros de narrativas, considerando, para



análise, a correspondência entre o que os turistas buscam e o que está expresso nas reportagens turísticas.

Metodologia e Estratégia de Ação

A construção desta proposta orienta-se pela compreensão do conceito de Metodologia, conforme a abordagem de Maria Immacolata Vassalo de Lopes, quando ela diferencia a Metodologia da Pesquisa e a Metodologia na Pesquisa: “[...] empregaremos os termos Metodologia da pesquisa para indicar a investigação ou teorização da prática da pesquisa científica e Metodologia na pesquisa para indicar o trabalho com os métodos empregados” (LOPES, 1990, p.81). Mais adiante, a autora esclarece:

Os conceitos de Metodologia e de método possuem estatutos diferenciados dentro da Ciência. A Metodologia situa-se no plano do paradigma, que nas Ciências Sociais fornece tanto modelos teóricos (determinada concepção do campo social), como modelos metodológicos (determinada concepção de investigação do social. (LOPES, 1990, p. 81).

A partir da formação teórica com a autora, no trabalho com seus textos e no aprendizado compartilhado através da disciplina Metodologia da Pesquisa em Comunicação, realizada na Escola de Comunicações e Artes, da USP, a autora deste texto construiu pressupostos em metodologia que combinam pistas da lógica estrutural do modelo de Maria Immacolata Vassalo Lopes, com suas quatro dimensões da pesquisa e as etapas, e os pressupostos do cartógrafo, segundo Suely Rolnik (1986).

Lopes (1990) apresenta as seguintes dimensões da pesquisa: epistemológica, teórica, metódica e técnica. Considerando essas dimensões, define-se a estratégia metodológica como um complexo de ações, que se dividem em duas grandes trilhas da ‘viagem investigativa’. A primeira delas é a trilha epistemológico-teórica, com o cruzamento dos pressupostos da produção do conhecimento e as trilhas teóricas propriamente ditas. A segunda envolve os acionamentos operacionais de conhecimento, os dispositivos de estabelecimento do percurso referencial da ‘viagem investigativa’, a definição de dispositivos de captação de informações, o estabelecimento da teia-trama de análise das evidências do campo, a cartografia de cruzamentos teóricos. A primeira trilha foi apresentada até aqui. Tem-se, apenas, o cuidado de evidenciar que se



compreende a Metodologia da Pesquisa como a perspectiva ampla, que envolve também os pressupostos epistemológico-teóricos.

A seguir, são apresentados os aspectos da segunda trilha inscricional da pesquisa, a dos dispositivos operacionais para a produção do conhecimento, ou Metodologia na pesquisa, na expressão de Lopes (1990), que se denomina, aqui, de cartografia operacional metodológica. Chama-se atenção para o fato de que, coerente com os pressupostos da proposta, entende-se a proposição como a de uma trilha referencial, que vai se construir, efetivamente, ‘na viagem investigativa’.

Cartografia Operacional Metodológica

A orientação metodológica desta pesquisa é cartográfica. Trata-se de uma abordagem coerente com os pressupostos da complexidade e adequada às características intrínsecas à contemporaneidade. Rolnik (1989) utiliza a expressão ‘cartografia’ como uma espécie de mapeamento, que se faz, acompanhando a mutação da paisagem. Lembra-se que Rolnik (1989, p.66) explica o método cartográfico como aquele que se faz “[...] juntamente com as paisagens, cuja formação ele acompanha”, enquanto a prática do cartógrafo diz respeito às estratégias de formações do desejo no campo social. Segundo ela, o sujeito que se dispõe a tal prática “[...] leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações. Este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente” (ROLNIK, 1989, p.69). Nesse sentido, propõe-se, aqui, também, aprofundar e ampliar experiências com o que a pesquisadora, professora de Metodologia há mais de 20 anos, vem chamando de A Metodologia da Sensibilidade, através de dispositivos de ‘abertura’ na apreensão do real, bem como em uma reinvenção nas formas de apresentação do relato dos fenômenos percebidos.

Convém, no entanto, deixar claro que a proposta não significa o abandono de métodos e técnicas convencionais. Ao contrário, aponta para um aproveitamento intenso, sem preconceitos, de acordo com as necessidades e características do real observado. Também não se trata apenas de construir metodologias alternativas (DEMO, 1989, p. 261), mas de tentar rediscutir a própria Metodologia, no sentido de recriá-la, em processos coletivos, ‘cartográficos’, inscricionais.

Amostragem e Técnicas de Coleta de Dados. A abordagem proposta envolve uma busca junto aos três tipos de amostragem, que se propõe para explicar o item, nas



disciplinas de Metodologia lecionadas. Bibliográfica: a amostragem bibliográfica é um primeiro ‘lócus’, de onde se parte. O que existe produzido e publicado sobre o assunto. Trata-se de delimitar as trilhas teórico-bibliográficas, que deverão ser percorridas, para o início da ‘viagem investigativa acadêmica’. O início porque, claro, como fenômeno complexo-sistêmico, há muitas outras pistas que vão se delineando, ao longo do caminho. O trabalho de coleta de dados, neste caso, implica no levantamento preliminar de bibliografias; na classificação conforme as temáticas; leitura e releitura de textos; documentação bibliográfica, seminários teóricos. O problema proposto apresenta as seguintes trilhas temático-teóricas: Turismo, Comunicação, Subjetividade, com trilhas internas: território e desterritorialização, desejo, espelho, imagem e autopoiese inscricional. Em um olhar ampliado, a complexidade sistêmica da contemporaneidade e a epistemologia da produção do conhecimento.

Um segundo tipo de amostragem envolve os sujeitos que podem auxiliar como fontes de informação. Estes sujeitos podem ser desde especialistas sobre o assunto até os envolvidos diretamente nas práticas pertinentes à pesquisa: operadores do turismo e turistas.

Como técnica de coleta de dados, parte-se de observação sistemática, registrada em Diário de Campo, e de uma sondagem, para chegar à definição de um grupo de turistas da região, com quem será feita uma aproximação, para solicitar o relato de viagem. Essa narrativa pode ser captada, considerando o viés das narrativas transmidiáticas, o que significa que não se fala apenas em produção de texto verbal, mas de inscrições múltiplas. Dependendo do sujeito pesquisado, pode-se trabalhar com inscrições diferenciadas. A proposta é, sempre que possível, provocar a produção de um texto verbal e associá-lo a fotografias produzidas pelo próprio turista, bem como a reportagens sobre os destinos turísticos. A seleção dos grupos pesquisados pode ser antecipada por uma sondagem, que permita cartografar, mais amplamente, os perfis de turistas.

Material - este é o terceiro tipo de amostragem. Envolve materiais que podem ser reunidos e que, uma vez analisados, têm o potencial de oferecer informações preciosas sobre os aspectos estudados. No caso deste estudo, pretende-se reunir peças comunicacionais produzidas pelos operadores do turismo: publicações, folders, bem como produções impressas jornalísticas e publicitárias, que apresentem representações sobre os espaços turísticos da região. A ideia é verificar a correspondência entre as



produções comunicacionais e as manifestações sobre os agenciamentos desejantes dos turistas.

Imagens produzidas/escolhidas pelos turistas. Imagens de si - produzidas/escolhidas. Imagens de que gostam - produzidas/escolhidas Imagens midiáticas/produzidas Estas imagens serão analisadas, com base no referencial mencionado, bem como em referenciais específicos para cada suporte midiático, com vistas a identificar as características do sujeito da comunicação e seus agenciamentos desejantes para o turismo, bem como o cuidado com relação à dimensão espelho. Em princípio, serão buscados aspectos emergentes sobre: - Imagem de si; Imagem-espelho - si e o outro; imagem midiática; imagem e os tipos de mídia.

Trilhas de Saberes

O referencial teórico constitui-se de trilhas teóricas, decorrentes das pistas do próprio objeto, sendo que, nesta etapa de desenvolvimento, pela trajetória da pesquisadora, está mais amadurecido o viés comunicacional e seus entrelaçamentos, apresentados para a composição com o referencial sobre Turismo. Considera-se a contemporaneidade, como cenário em que as ‘incrições-desmanche’ se constituem, na Comunicação e no Turismo, o que implica uma confluência de teorias e autores.

Uma primeira perspectiva a ser mencionada é a da complexidade, cujo principal representante é Edgar Morin (1991). Essa visão muito tem auxiliado para compreender os desafios contemporâneos da produção da pesquisa e das práticas comunicacionais, pois sinaliza para o resgate dos entrelaçamentos das áreas, para o caráter efêmero, para a não hierarquização totalitária dos saberes. Nessa linha de contribuição para a visão sistêmica dos fenômenos, cita-se também Fritjof Capra (1990; 1991; 1997), Roberto Crema (1989), Boaventura Sousa Santos (1988), Milton Santos (1994) e Cremilda Medina (1986; 1990-1991; 1994a; 1994b).

A perda da referência única, garantida durante a modernidade pelas ditas macro teorias globalizantes, convida para a revisão dos pressupostos científicos. Algo como a constituição de um mapa mínimo, uma cartografia no sentido que Rolnik (1989) usa o termo. Uma trama de referências que auxiliem no contato com o desconhecido, que atenuem a cegueira das luzes da racionalidade exacerbada. Acredita-se que essa perspectiva teórica também seja importante para estudar o entrelaçamento da



Comunicação e do Turismo, áreas do conhecimento que envolvem cenários em constante mutação.

Território e Desterritorialização Desejante

A Esquizoanálise é a linha teórica para uma série de conceitos e platôs de consistência deste estudo. É o caso das noções de território e desterritorialização, na discussão da aceleração contemporânea e da construção de um tempo mundo e espaço mundo.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

A compreensão da desterritorialização desejante envolve o reconhecimento dos processos sutis, do que se pode chamar de comunicação abstrata, na constituição de campos significacionais, na interação de sujeitos, entre si e com o ambiente. Essa noção tem como substrato teórico a Esquizoanálise, em especial no que Guattari (1992) denominou fluxos incorporais a-significantes, como agenciamentos dos Equipamentos Coletivos de Produção da Subjetividade.

Vale ressaltar que esses processos não se restringem a espaços intrapsíquicos, individuais, mas são substrato da produção social capitalística, nos engendramentos sociais em que se verifica a conformação da indústria da comunicação. Segundo Guattari, mais do que a ‘nova ordem de produção de bens materiais’ e de relações dela decorrentes, o Capitalismo Mundial Integrado gerou uma nova subjetivação, um novo modo de produção de sujeitos sociais. A Esquizoanálise, como referencial teórico, então, possibilita uma compreensão, mais aprofundada, para os processos de constituição do sentido, considerando outros planos de significação, para além dos universos corporais significantes. Trata-se de uma visão, a partir da qual o sujeito vai existindo, nas suas múltiplas inscrições, no território de imanência. E, neste sentido, o seu ‘desenho’, a sua ‘configuração’, demanda também outras incursões, para ser apreendida no seu todo. Dizendo de outra maneira, é preciso extrapolar o visível e



compreender a trama de maquinismos que constituem esse ‘desenho inscriacional humano’.

Da perspectiva da Esquizoanálise, também se tem a noção implícita do desejo, como potência do devir, ao contrário da perspectiva lacaniana de que o desejo surge da falta. Jacques Lacan tem sido também um dos referenciais, mas no que diz respeito à noção de especularidade. A partir dele, com seu Estágio do Espelho, aprende-se a pensar a complexidade do jogo de entrecos, dos imbricamentos subjetivos do encontro entre o sujeito e o Outro. O primeiro espelho do sujeito são os olhos da mãe, conforme o autor ensina. Neste sentido, estabelece-se um jogo de dependência mútua, cujo sentido das existências envolvidas e do processo de comunicação, em si, vai depender do processo mesmo. Não há a supremacia do código ou definições *a priori*. Há a intensidade do encontro e, no jogo de traços e abraços, a produção do sentido de si e do outro e, assim, a individuação autonomizadora que inventa uma nova vida.

É desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalística, desde a entrada da criação no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto teóricos nos quais ela deve se inserir. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 40).

Na verdade, essa máquina se instaura antes disso, já que contém dispositivos abstratos, da ordem do a-significante. Não se restringe, portanto, ao momento do acesso ao significante. Antes mesmo do acesso ao simbólico – campo das convenções –, as constelações de universos incorporais – da ordem do inarticulado, sem forma – já integram e pulsam nesse sujeito. Constituem um campo energético, que vai produzir diferenças, quando da interação desse sujeito com outros. Vai produzir diferenças na sua vida, no seu modo de ser e de viver e, claro, na maneira como produz marcas, como produz inscrições. Na perspectiva mais ampla, contudo, os maquinismos da subjetivação, seguindo o próprio Guattari (1992, p. 14), envolvem:

1. componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria da mídia, do cinema, etc; 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas.



Potencialização e Agenciamentos Autopoiéticos

A noção de potencialização também se sustenta na perspectiva da Esquizoanálise, de Félix Guattari (1992) e na Biologia Amorosa, de Humberto Maturana (1998). Trata-se de um modo de pensar a constituição plural, heterogênea do sujeito contemporâneo, a partir dos múltiplos dispositivos de subjetivação.

A autopoiese inscricional envolve a inscrição, criação e acionamento de si mesmo e, neste sentido, a imagem representa um dos elementos emblemáticos, no sentido de composição desse sujeito. A imagem está pensada aqui como trama complexa de significação.

A Biologia Amorosa, de Humberto Maturana (1998), em particular a partir do seu conceito de autopoiese, também contribui para repensar o humano e seus processos de relação. A comunicação como decorrente de um jogo complexo de interação, de ações recorrentes que se efetivam através da linguagem. E, assim, a relação com as imagens como um jogo complexo também de inscrição e reconhecimento. Um jogo em que se busca, através de ações recorrentes de cooperação, constituir laços, entrelaços e, deste modo, abraços, no jogo de reconhecimento de si no limite do encontro com o outro. A noção de sujeito fundamenta-se na confluência entre a Esquizoanálise e a Psicanálise, a partir de uma visão de comunicadora, no que vem sendo construído pela autora, como discussão teórica, a partir do termo Psicocomunicação, a interface Psicologia e Comunicação. Isto significa que essas noções são associadas a autores de comunicação, como Mauro Wolf (1987), Umberto Eco (1990; 1984), Jesus Martin Barbero (1987), Mauro Wilton de Sousa (1995), Maria Rita Kehl (1990) (que também apresenta, em suas teorias, a interface Psicologia e Comunicação), entre outros.

A perspectiva midiática está sendo abordada, aqui, a partir da noção de comunicação-trama, desenvolvida pela autora deste texto, em dissertação de mestrado e tese de doutoramento, ambas desenvolvidas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (BAPTISTA, 1996; 2000). Esta concepção implica na consideração do processo comunicacional como complexo em si, o que significa uma associação de teorias contemporâneas da comunicação, associadas a algumas noções de autores pós-modernos, como Gilles Lypovetsky (1989; 1983; 2000) e Michel Maffesoli (1987; 1995; 1996).

A compreensão da complexidade da imagem, inerente à discussão da trama de especularidade que se produz no Turismo e na Comunicação, também está sendo



proposta, a partir da consideração dos pressupostos conceituais da Semiótica, com base em autores como Umberto Eco (1984). Percebe-se que compreender os processos de significação, na constituição autopoética dos sujeitos, nas inscrições visuais, parte muito de níveis de conhecimento que foram desenvolvidos por Charles Sanders Peirce e resgatados e retrabalhados por Santaella (1998). O caráter de desmanche a que se refere este estudo, com relação às imagens, na contemporaneidade, por exemplo, diz respeito à compreensão da emergência de aspectos ligados ao campo do índice, em detrimento de uma ênfase ao simbólico, que caracterizou a modernidade: “Viagem à Irrealidade Cotidiana”, como afirmou Umberto Eco (1984).

No que diz respeito à imagem, parte-se também de Eduardo Peñuela Canizal, e suas orientações em disciplinas feitas no mestrado da ECA/USP - Sobre a Ilusão Especular e Poéticas das Mensagens Visuais. Com estas disciplinas, pôde-se ampliar a noção de imagem, com noções teóricas que, posteriormente, foram associadas à de autores como Arlindo Machado (2001), com seu O Quarto Iconoclasmo, Donis Dondis (1991), Sintaxe da Linguagem Visual, Martine Joly (2003), e seus textos clássicos, conceituando a imagem e orientando sobre as possibilidades de interpretação, nos diversos suportes midiáticos.

Entrelaçamento Turismo e Comunicação

As possibilidades de entrelaçamento Turismo e Comunicação são muitas. Ambos os campos de saberes são formados por feixes de complexidade, de níveis concretos e abstratos. Trata-se de áreas transdisciplinares por excelência com a coincidência de vetores explicativos e trilhas teóricas. Como processos, ambos se constituem a partir de deslocamentos, da ousadia de movimentar-se em direção ao Outro, desterritorializar-se. É também o que evidencia Ashton, quando cita De La Torre (1997, p. 101): “[...] posto que o Turismo é um fenômeno eminentemente social, por derivar de deslocamentos humanos, teve, desde o seu início, uma estreita interdependência nas relações de interação com outros fenômenos sociais”.

Os saberes do Turismo se dão, portanto, no entrecruzamento de saberes múltiplos, na busca de explicar os fenômenos de deslocamentos voluntários de pessoas, por motivos diversos e que promovem intensas relações sociais, envolvendo investimentos diversificados. “Essa tensão, provocada pelo movimento de indivíduos,



pode ter reflexo em todos os níveis formadores da sociedade, sejam eles econômicos e sociais, sejam culturais e ambientais” (ASHTON, 2007, p.105).

Um resgate das teorias do turismo e a sinalização de aproximação com a comunicação estão explícitos no livro de Susana Gastal (2005), intitulado Turismo, Imagens e Imaginário, assim como no texto de José Clerton de Oliveira Martins (2012), Turismo: entre Consumo, Resgate Psíquico e Choques Culturais, um Objeto de Estudo em Construção.

A pesquisa está em fase inicial de desenvolvimento. Por isso, o processamento de referencial específico do Turismo ainda não está em estágio avançado, que possibilite a ‘autorização à autoria’. Escrever sobre um campo de conhecimento é possível, quando já transitamos por ele e a pesquisadora está ‘de chegada’ na docência do Mestrado em Turismo da UCS, trazendo na ‘bagagem’, no entanto, referenciais de campos circunvizinhos, cujas fronteiras, de modo coerente com os pressupostos da contemporaneidade, representam zonas de trânsito e não de delimitação.

REFERÊNCIAS

ASHTON, Mary Sandra Guerra. Comunicação e Turismo: possibilidades de conhecimento. **Conexão** – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação**: trama de desejos e espelhos. Os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: ULBRA, 1996.

_____. Comunicazione come trama: La complessità del processo. In: BECHELLONI, Giovanni, LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Dal controllo alla condivisione**: studi brasiliani e italiani sulla comunicazione. Roma: Mediascape Edizioni, 2002.

_____. O dilúvio babelizante da contemporaneidade e a educação. In: **Pauta**: Interdisciplinaridade e pensamento científico, Pato Branco, v. 2, n. 1, p. 55-73, dez. 2003.

_____. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea**. 2000. 440. fls. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

_____. Espelho, Espelho Meu: ‘Inscriçionices’ de Jornalistas e a Imagem de Si. SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO, 2. Curitiba, 8 e 9 de dezembro de 2011.

_____. ‘Inscriçionices’ Investigativas’. Relato da construção de dispositivos processuais de investigação em Comunicação, na perspectiva da Amorosidade e Autopoiese. ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 1. Itaipocerica da Serra, 22 a 25 de novembro de 2012.

_____. Amorcom! Inscriçionices Investigativas. Pressupostos de investigação em Comunicação, na perspectiva da Amorosidade e da Autopoiese. ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 1. Itaipocerica da Serra, 22 a 25 de novembro de 2012.

BARBERO, Jesus Martín. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em Comunicação Social. In: Mauro Wilton de SOUSA (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: ECA/USP/Brasiliense, 1995, p.p. 39-68.



BARBERO, Jesus Martin. **De los medios a las mediaciones:** comunicación, cultura y hegemonia. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. **De Los Medios a las Mediaciones. Comunicación, Cultura y Hegemonia.** Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida.** Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **O Ponto de Mutação.** A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. **O Tao da Física.** Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística.** Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs.** Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995- 1997.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1989.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. **Viagem na Irrealidade Cotidiana.**

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários.** São Paulo: Aleph, 2005.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** 3. ed. Campinas: Papyrus, 1981.

_____. **Caosmose.** Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Linguagem, consciência e sociedade. In: LANCETTI, Antonio. **Saúde Loucura.** 2. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Mil Platôs.** Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **O inconsciente maquínico.** Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **Revolução molecular.** Pulsações Políticas do Desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____.; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação.** Lisboa: Edições 70, 2003.

_____. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papyrus, 1996.

KEHL, Maria Rita. A psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO, Sergio et al. **Os sentidos da paixão.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Imaginar e pensar. In: **Rede Imaginária. Televisão e Democracia.** São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura, 1991.

_____. Imaginário e pensamento. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense/ECA, 1995.

_____. O desejo da realidade. In: NOVAES, Adauto (Org.) **O Desejo.** São Paulo/ Rio de Janeiro: Companhia das Letras/Funarte, 1990.

LACAN, Jacques. **A ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. El estadio Del espejo como formador como formador de La función del jo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. In: **Escritos.** 16. ed. México/Madrid/Bogotá: Siglo Veintiuno, 1990.



LYPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'água, 1983.

_____. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasmo**: e outros ensaios hereges. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Turismo**: entre consumo, resgate psíquico e choques culturais, um objeto de estudo em construção. Disponível em: http://www.sbcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/joseclertonmartins-turismo.htm. Acesso em: 9 out. 2012.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco J. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese e a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda. (org.). **Novo Pacto da Ciência**. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar. São Paulo, ECA/USP, 1990-1991.

_____. **O Signo em Processo**. XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação, setembro de 1994a, xerox.

_____. **Entrevista**. O Diálogo Possível. São Paulo, Ática, 1986.

_____; GREGO, Milton. (orgs.). **Novo Pacto da Ciência 3**. Saber Plural. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas. São Paulo, ECA/USP/CNPq, 1994b.

MEZAN, Renato. **Freud**: a trama dos conceitos. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Sigmund Freud**: a conquista do proibido. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. São Paulo, Instituto Piaget, 1991.

_____. **O método 4**. As idéias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

_____. **A Semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996. (Coleção E; 5).

_____; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.



SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed., Porto: Afrontamento, 1988.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adelia A. de; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO, Mônica (orgs.). **Fim de século e globalização**. O novo mapa do mundo. São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 1994.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito**. O Lado Oculto do Receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.